



Revista e-Curriculum

ISSN: 1809-3876

ecurriculum@pucsp.br

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Brasil

ANDREOLA, Balduino Antonio; GHIGGI, Gomercindo; PAULY, Evaldo Luis  
PAULO FREIRE NO RIO GRANDE DO SUL - DIÁLOGOS, APRENDIZAGENS E REINVENÇÕES...

Revista e-Curriculum, vol. 7, núm. 3, diciembre, 2011, pp. 1-20

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76622318011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo  
 Revista e-curriculum ISSN: 1809-3876

**PAULO FREIRE NO RIO GRANDE DO SUL - DIÁLOGOS, APRENDIZAGENS E  
 REINVENÇÕES...**

**PAULO FREIRE IN RIO GRANDE DO SUL – DIALOGUES, APPRENTICESHIPS  
 AND REINVENTIONS...**

**ANDREOLA, Balduino Antonio**

Doutorado em Ciências da Educação (Sciences de l'Education) pela Université Catholique de Louvain  
 - Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education - Louvain-la-Neuve (Belgique)  
 Professor do Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE, Canoas/RS  
 e-mail: balduinoandreola@yahoo.com.br

**GHIGGI, Gomercindo**

Doutorado em Educação pela UFRGS  
 Professor da Faculdade de Educação da UFPel: Graduação e Pós-Graduação  
 Pesquisador CNPq e FAPERGS.  
 e-mail: gghiggi@terra.com.br

**PAULY, Evaldo Luis**

Doutorado em Educação pela UFRGS  
 Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle,  
 UNILASALLE, de Canoas/RS  
 Pesquisador do CNPq  
 e-mail: evaldo@unilasalle.edu.br





## RESUMO

O que nos propomos resgatar neste artigo é a memória da presença de Paulo Freire no Rio Grande do Sul e de suas contribuições para a Educação Popular no Estado, desde sua primeira vinda, na década de 50, até a última, em 1996. Na primeira parte apresentamos uma visão panorâmica do amplo movimento de alfabetização e educação popular inspirado no método Paulo Freire, que precedeu o golpe, com referências também ao Instituto de Cultura Popular aqui criado. O artigo finaliza apresentando uma reflexão acerca das aprendizagens e reinvenções freirianas que têm acontecido no Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, evento anualmente realizado no RS. A intenção é ensaiar uma reflexão que possibilite compreender o atual momento da presença de Freire no RS a partir da sua histórica presença desde os anos 50.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Alfabetização; Educação Popular no Rio Grande do Sul; Freire e Fiori; Fórum Paulo Freire.

## ABSTRACT

*What we propose in this paper is to rescue the memory of Paulo Freire's presence in Rio Grande do Sul and its contributions to popular education in the state since his first coming in the 50s, until his last in 1996. On the first part we present a broad overview of the literacy movement and popular education inspired by Paulo Freire's method, which preceded the military coup, with reference also to the Institute of Popular Culture, raised here. The paper finishes presenting a reflection on the learning and reinventions that has been happening in the Forum of Study: "Readings from Paulo Freire", an event held annually in RS. The intention is rehearsing a reflection that allow the understanding the current moment of the presence of Freire in the RS from its historical presence since the 50s.*

*Keywords: Paulo Freire; Literacy; Popular Education in Rio Grande do Sul; Freire and Fiori; Forum Paulo Freire.*



## 1. PRIMEIRAS PALAVRAS

Faz tempo, aqui no Rio Grande do Sul, que lemos Paulo Freire; mas, ousamos afirmar, foi a partir de 1999, com a criação do “Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire” que passamos a nos sentir partícipes de uma discussão reflexiva sobre a prática da Educação Popular referenciada em Freire. As várias edições do Fórum passaram a ser, a cada ano, um tempo de encontro, de debates, de construções, de reinvenções e de vivências, cremos, bem próximas do que conhecemos como Círculos de Cultura. As leituras e práticas educativas inspiradas em Freire no Rio Grande do Sul iniciaram-se no final dos anos 50 e continuaram até a primeira metade da década de 60, com a presença marcante de Paulo Freire dialogando com diversos interlocutores no estado. Articulados de forma orgânica com a Campanha Nacional de Alfabetização, alguns integrantes da Secretaria Estadual de Educação, de algumas secretarias municipais e de entidades da sociedade civil, criaram centenas de Círculos de Cultura pelo Rio Grande do Sul.

Em Porto Alegre, um grupo de educadores articulado por Ernani Maria Fiori, com apoio de Freire, criou o Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul que teve uma breve e significativa existência entre o final de dezembro de 1963 e início de abril de 1964. Foram três meses e meio de um sol de verão, antes que a longa noite baixasse. Uma longa noite que ofuscou o significado da herança freiriana para a história da educação gaúcha. O objetivo desse artigo é analisar a presença de Freire no Rio Grande do Sul. Que Freire fomos acolhendo, desde a década de 50, aqui por este Rio Grande? Pensamos que este elo com a história pode nos ajudar a compreender o que por aqui continuamos fazendo com Freire.

## 2. PAULO FREIRE NO RIO GRANDE DO SUL NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Não é possível falar das vindas de Paulo Freire ao Rio Grande do Sul e de suas atividades no estado, sem referir-nos, ainda que brevemente, aos diálogos, às parcerias e, sobretudo, à profunda amizade entre ele e o professor Ernani Fiori. Numa entrevista com o professor Tomaz Tadeu da Silva, o próprio Paulo Freire lembra da sua primeira vinda ao Rio Grande do Sul e de seu primeiro encontro com o Fiori:





Olha, eu conheci Ernani Fiori [...] nos anos 50, quando éramos ambos muito jovens. Eu me lembro que vim... nesta época eu trabalhava no SESI de Pernambuco, e vim ao Rio Grande do Sul em visita e conversando com Mario Reis, um gaúcho que era na época diretor geral do SESI no Rio Grande do Sul, ele então numa conversa de almoço comigo, me disse que havia um professor da faculdade de direito, eu acho que Ernani trabalhou, deu aula também na Faculdade de direito. Lecionava Filosofia do Direito. Ele disse que havia este professor chamado Ernani Maria Fiori, que era amigo dele, e aí marcou-se uma visita a Ernani (FREIRE, 1986, p. 11).

Mais tarde, no Pós-fácio ao II Volume dos “Textos Escolhidos” de Fiori (1992, p. 273-287), Freire conta novamente aquele seu primeiro encontro, declarando que saiu do mesmo profundamente impressionado. Ele se referiu inúmeras vezes, em suas falas ou seus escritos, ao seu relacionamento com o Fiori, mas, sobretudo, naquele Pós-fácio, que traz como subtítulo “Depoimento de um grande amigo”. Eles se encontraram outras vezes por aqui. Quando vinha a Porto Alegre, em geral se hospedava na casa da família Fiori. Ele finaliza aquele depoimento rememorando emocionado o último encontro com o grande amigo, em abril de 84, quando percebeu que o Ernani estava perto do fim, vitimado pelo câncer. Naquelas páginas, densas de reminiscências e de emoção, Freire traz detalhes muito importantes do período de maior convivência, de diálogos frequentes e prolongados, e de parcerias historicamente memoráveis, durante os anos do exílio no Chile, documentado num livro intitulado “Freire e Fiori no Exílio: Um projeto político pedagógico no Chile” (TRIVIÑOS; ANDREOLA, 2001). Foi no Chile que Freire escreveu seu livro mais importante, “Pedagogia do Oprimido”, tendo convidado o Fiori a escrever o Prefácio que traz como título: “Aprender a dizer a sua palavra”. Daquele prefácio Freire escreveu:

Vocês podem bem imaginar a alegria que eu tive quando ele me leu o texto. Era maravilhoso. É uma das melhores coisas que eu conheço sobre que diabo é essa pedagogia do oprimido. O prefácio é, no fundo, melhor do que o livro. É uma síntese extraordinária de compreensão do que eu dizia (FREIRE, 1992, p. 285).

De seus diálogos com o Fiori; Freire declarou:





Eu não sei dizer, mas eu aprendi um mundo de coisas com esse homem. [...] eu não fui chegado a mestres, nem nunca fui chegado a discípulos, mas, se posso falar em mestre nesse país, incluo Ernani como um deles. Ele exerceu sobre mim, apesar da pouca diferença de idade, um papel extraordinário (Ib.: p. 277-278).

Mas o Fiori também aprendeu muita coisa de seus numerosos diálogos com Paulo Freire. Não cabe nos limites deste artigo, nos determos sobre isto. Limitamo-nos a uma experiência de aprendizagem marcada por um toque de humor. Para compreender as pessoas, certos episódios ou detalhes pitorescos valem mais, às vezes, do que eruditas análises. O episódio que segue foi relatado pelo próprio Paulo Freire. Em certa ocasião tomavam parte numa reunião ele e o Ernani. Um dos participantes era gago. O Ernani, com a melhor das boas vontades, completava as palavras que ele, o gago, não conseguia rematar. O Paulo o cutucava discretamente por baixo da mesa. Na hora do cafezinho o Ernani perguntou ao amigo qual era o motivo. E o Freire observou: “Ernani, ele gagueja, provavelmente, por causa de algum trauma psicológico. Se tu completas as suas palavras, ele fica mais tenso, e vai gaguejar mais ainda”. O Ernani respondeu: “Tu tens razão, Paulo. Eu não tinha sequer pensado nisso. Muito obrigado”.

Antes do golpe, Freire esteve aqui ministrando cursos sobre o seu método de alfabetização, que se tornou famoso a partir da experiência de Angicos, no Rio Grande do Norte. Era um momento de extraordinário florescimento no Brasil inteiro, dos movimentos de cultura e educação popular, que teve seus inícios no MCP do Recife, cujo cinquentenário foi comemorado, em setembro de 2010, no Recife, num evento com 1500 participantes, do Brasil e de outros Países. A professora Ana Maria Zardin, falecida há vários anos, conseguiu preservar um dossiê precioso, com 57 recortes de jornais de meados de 1963 ao início de 1964, além de sete fotografias, que documentam as vindas de Freire e o dinamismo das numerosas promoções, no campo da cultura e da educação popular. Numa manchete da “Folha da Tarde” do dia dois de maio de 1963 (p. 10) lemos: “VERDADEIRO “RUSH” EM TODO O RIO GRANDE” – e a manchete com destaque: “*SEC INSTALA HOJE 650 CURSOS DE ALFABETIZAÇÃO NO ESTADO*”. O mesmo jornal, no dia dez de maio (p. 10), anuncia: “*PARA ADOLESCENTES E ADULTOS*” e, de novo, com destaque: “*130 CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO DA SEC FUNCIONAM EM PORTO ALEGRE*”.



Várias notícias de jornal anunciam, a partir de 4/7/63, a realização de um Curso de Alfabetização em Porto Alegre com o prof. Paulo Freire. Após várias transferências na data de realização do curso, houve necessidade de a equipe da SEC ministrar ela mesma um curso entre os dias 11 a 13 de julho para 110 professores que vieram do interior. O “Correio do Povo” noticia, em 4/7/63: “Curso de Alfabetização – Em Porto Alegre dia 8 com o prof. Paulo Freire”. No dia 5/7/63 a “Folha da Tarde” e o “Correio do Povo” informam que o curso foi transferido e terá início no dia 10. Tendo sido transferida de novo a vinda de Freire, o “Correio do Povo” informa, no dia 14/7, que tal curso foi ministrado por uma equipe da SEC, de 11 a 13 daquele mês para participantes do interior. Na mesma data comunica:

Com a presença do prof. Paulo Freire e a sua equipe, deverá instalar-se no Salão de Atos da PUC, hoje, às 20 horas, o mesmo Curso para os inscritos da Capital, cujo número atinge aproximadamente 700 pessoas.

A comunicação continua:

Os participantes do Interior que já realizaram o Curso encerrado a 13 de julho, pelos professores da SEC, poderão se o desejarem participar deste novo curso, independente de outra inscrição.

Parece evidente a preocupação com os que podem ter-se frustrado por não contarem com a presença de Freire. O Jornal “Correio do Povo” de 23.7.1963 noticia que, finalmente, no dia anterior encerrou-se um curso de três dias com a presença de Paulo Freire que além de ministrar o curso, também pode “avaliar e orientar o trabalho piloto que a SEC já vem realizando nesta Capital desde maio, acertando com a equipe da SEC diversos pontos para o futuro desenvolvimento do programa”. A mesma matéria informa que participaram do curso “500 inscritos e 900 ouvintes”. A partir do curso, a SEC promoverá nova formação com os coordenadores voluntários de mais 50 “Círculos da Cultura” instalados ou a se instalarem em Porto Alegre e no interior. A chegada de Freire é noticiada também pelos jornais “A Folha da Tarde” e o “Jornal do Dia”, diário católico daquela época. Na edição de 23/7/63, o “Correio do Povo” traz sob o título Cultura Popular, a manchete “Serão criados mais de 50 Círculos de Cultura”. Notemos que não se tratava apenas do “método” Paulo Freire de alfabetização.



O Rio Grande respirava o clima do Brasil inteiro dos numerosos Movimentos que se denominavam de “Cultura e Educação Popular”. Ao mesmo tempo, os cursos de alfabetização se organizavam não na forma de “classes” tradicionais, mas na modalidade de “Círculos de Cultura”, dinâmica inovadora proposta desde o início por Freire. Vários recortes dos jornais referem-se também ao teatro, ao cinema e à música como sendo valorizados nestes Círculos de Cultura. Baseada numa entrevista com a Professora Lúcia G. Castilhos, diretora da Divisão de Cultura da SEC, a repórter Lara de Lemos escreve:

A partir de um teatro de improvisação, concebido e realizado por elementos do povo, pode-se chegar a resultados surpreendentes. Os temas, a princípio, tirados de fotos-novelas, passam pouco a pouco, para realidades vivenciadas. (O recorte não traz título do jornal nem a data).

E numa perspectiva genuinamente freiriana, a informação prossegue:

Nesse processo o homem não é apenas objeto de cultura, mas agente dessa cultura como consciência crítica. A atividade artística torna-se, de mero passatempo, debate, e esclarecimento de problemas da comunidade. E é desse diálogo, ampliado mil vezes, que esperamos a transformação de nossa gente.

Além dos cursos de alfabetização propriamente dita, nos Círculos de Cultura eram planejadas e realizadas diferentes atividades culturais, como cinema, artes populares, praças de cultura e outras. O apoio e a participação vinham de todos os setores da comunidade, através da adesão de diferentes instituições, de pequenos grupos de voluntários ou de indivíduos isolados. Muito amplo o envolvimento de jovens, ligados à AP, à UGE, a UEE, a JUC e a UNE. Algumas empresas também são objeto de reportagem pelas doações de material escolar para a campanha nacional de alfabetização do MEC.

Por toda a parte, não apenas em Porto Alegre, mas em muitos outros municípios do Rio Grande, vivia-se uma floração extraordinária de iniciativas e o clima era de grande empolgação, com certos lances de visão bastante idealistas, quase messiânicas até, como este: “40 Horas Para a Salvação do Homem Brasileiro” (Folha da Tarde, 18/7/63). Mas em geral as manchetes espelhavam otimismo promissor, dinamismo na ação, ampla colaboração de todos os setores da sociedade, e uma receptividade enorme por parte da população, como é expresso



na eloquência destas manchetes: "Prodigiosa é a fome de cultura de nosso povo" (Folha da Tarde, 24/12/63); "O Povo topa a luta" (Folha da Tarde, 26/12/63); "Coordenadores: Surgem de Todos os Quadrantes para Colaborar" (Folha da Tarde, 4/01/64); "São Leopoldo: Grande 'Blitz' será desfechada segunda feira" (Folha da Tarde, 10/01/64); "Moças querem ser Coordenadoras, Firma traz giz e UGES solidariedade" (Folha da Tarde, 3/01/64).

Um artigo do jornalista Walter Galvani trazia, em letras quase garrafais, o título "A Vila manda mensagem para a Cidade Grande" (Folha da Tarde, 31/12/63). Numa análise muito inteligente do que é preconceito, o Galvani lembra que, "sem maldade" denominamos "malocas" certas casinhas humildes da periferia, e "vila de malocas" um aglomerado daquelas casinhas. E ele nos convida:

E agora leia esta frase cheia de amargura, e reflita conosco: "Onde eu moro a gente diz – minha casa – e não maloca. Maloca é casa de bêbado".

Prosseguindo sua reflexão, o jornalista escreve:

Brotou espontânea e cheia de esperança numa transformação da humanidade da pena de um dos integrantes do "círculo de cultura", pessoa de 46 anos de sofrimento pelo mundo afora.

Esta frase do jornalista expressa com rara eloquência que a alfabetização, segundo a proposta de Freire, não significava apenas o aprendizado mecanicista ou meramente técnico do ato de ler e escrever.

O depoimento acima, como outros que os jornalistas colheram da boca de pessoas que estavam se alfabetizando nos "círculos de cultura", lembram registros impressionantes como os que Freire cita emocionado, com frequência, em seus livros. A "Folha da Tarde", em 23 de dezembro de 1963, traz em letras garrafais esta manchete: "MELHOR PRESENTE DE NATAL É A GENTE APRENDER A LER", frase que ao fim do curso de 36 horas expressa a alegria imensa de uma avó de 53 anos, "cheia de esperança no futuro de seus netos, de sua vila e de seu país". A frase causou tamanha sensação, que é trazida, como "chamada", pelo mesmo jornal, no alto da segunda página, em, pelo menos, quatro edições sucessivas. Outra frase que apareceu como "chamada" em várias edições da Folha da Tarde foi esta: "Aprender a ler é presente para toda a vida". Na lavanderia da Santa Casa, conforme entrevista com





Geraldo Mayer Fagundes um trabalhador disse:

Eu nunca tinha notado que o meu trabalho, o nosso trabalho é tão importante quanto o dos médicos, porque não existirá cura na Santa Casa se nós não lavarmos bem o lençol.

No “Correio do Povo” de 3 de setembro de 1963 lemos a manchete: “Ministro da Educação anuncia plano nacional”. No alto da página, uma foto na qual o Ministro Paulo de Tarso aparece em visita à Secretaria de Educação, sendo recebido pela Secretária Prof<sup>a</sup> Zilah Mattos Totta, pelo Reitor da UFRGS Elyseu Paglioli, e pelo Irmão Faustino João, representando o Reitor da PUC.

Toda esta mobilização, aqui no Sul, era liderada pela equipe de Cultura e Educação Popular que atuava na SEC, para lá levada pela grande educadora gaúcha Professora Zilah Mattos Totta, que o Governador Ildo Meneghetti nomeara Secretária de Educação. Mas o Prof. Ernani Fiori, prevendo que o PSD não toleraria muito tempo a permanência da Professora Zilah na Secretaria, para garantir a continuidade daquele processo liderou o movimento para a criação do Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul. Para tratar da criação do Instituto, vieram a Porto Alegre o Ministro Júlio Sambaqui e o Prof. Paulo Freire, que fora chamado para o Ministério da Educação sob o governo de João Goulart. O Ministro Júlio Sambaqui sucedera ao Paulo de Tarso, que havia pedido exoneração do cargo. O Instituto foi fundado no dia 14 de dezembro de 63, com a participação de 70 pessoas, tendo sido eleito como Presidente o Prof. Ernani Fiori.

Ana Maria Zardin, em entrevista concedida para a pesquisa de Andreola (1992), informa:

O Instituto de Cultura Popular/RS, ele surgiu, eu quase que diria, como uma culminância de um processo que começou muito antes. Por que desde os idos de 59, fins de 59, início de 60 todo o movimento estudantil viveu uma efervescência com relação à Cultura Popular. Desde os movimentos ligados à igreja (como JUC junto) que abandonou aquela coisa assim mais de comunidade eclesial (...) o Encontro dos 10 anos da JUC, em julho de 1960, houve uma reviravolta no movimento quando se partiu para buscar as raízes da realidade brasileira.



A previsão de Ernani Fiori se realizou, sendo a Professora Zilah demitida após 10 meses apenas de atuação na SEC. E toda a equipe teve que sair. O grupo, porém, não se dissolveu, seus participantes estavam ligados ao Instituto de Cultura Popular, que foi convidado por Hamilton Chaves, novo Secretário Municipal de Educação e Cultura de Porto Alegre, para criar a Divisão de Cultura do município, na gestão de Sereno Chaise, eleito em 10/11/1963, e empossado em 2/1/1964. Evidente que o Instituto teve que encerrar suas atividades com o golpe de 1º de abril de 64, que instaurou o regime ditatorial no Brasil. Também a nova proposta da Divisão de Cultura da SMEC foi abortada, com a cassação do prefeito trabalhista a 7 de maio de 64. O Instituto de Cultura Popular não deixou de ter, porém, desdobramentos e influências que perduram até hoje. Mesmo durante a ditadura, continuaram aqui, no Rio Grande do Sul, de forma silenciosa, e no Chile, através de Freire, de Fiori e de outros exilados, importantes atividades inspiradas em Freire.

Depois do golpe de estado vários educadores populares importavam clandestinamente, do Uruguai, o livro “Pedagogia do Oprimido”, editado lá em 1970, sendo que no Brasil só o foi em 74, assim mesmo com o Prefácio do Fiori misteriosamente censurado, com a eliminação de uma página inteira que, segundo ele próprio, continha o núcleo central de seu pensamento. Entre os que trouxeram do Uruguai “Pedagogia do Oprimido”, cabe lembrar o saudoso Padre Cláudio Neutzling, que foi o animador principal de um projeto amplo de alfabetização e educação popular na periferia de Pelotas. O Professor Roberto Zwetsch, docente da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, refere que um grupo de estudantes daquela instituição, ligados a atividades de educação popular, conseguiu o livro Pedagogia do Oprimido do Uruguai através da Livraria Selbach, daquela cidade.

### **3. ANDARILHAGENS DE FREIRE EM SOLO GAÚCHO APÓS A DITADURA MILITAR**

Após a volta do exílio, Paulo Freire veio numerosas vezes para o Rio Grande, não só para Porto Alegre, mas também para Passo Fundo, Pelotas, Santa Maria, Caxias e outras cidades. Em Santa Maria, foi-lhe outorgado, pela UFSM, o título de Doutor “Honoris Causa”. Em 84, esteve dois dias em Caxias, tendo tido encontros muito participados com o magistério municipal, com professores das escolas particulares e com jovens, e com o corpo docente da





UCS. Em 86 participou do II Seminário de Educação Popular promovido pelo PT, tendo proferido, no Plenarinho da Assembléia, uma conferência sobre o tema “Educação Popular na Escola Pública”, desfazendo o equívoco ideologicamente maldoso, de que Educação Popular, segundo Freire, aconteceria só fora da escola. Algumas vezes foi convidado para seminários promovidos pela Secretaria de Educação do Município ou pelo MOVA. Numa das vindas à Capital gaúcha, em sessão solene da Câmara de Vereadores foi-lhe outorgado o título de Cidadão de Porto Alegre.

Em 1991, juntamente com a esposa Dra. Ana Maria Araujo Freire, participou, em Hulha Negra, no lançamento do Projeto de Alfabetização do MST, pronunciando palestra na qual enfatizou o sentido maior de um assentamento, nestes termos:

É preciso que na gente viva assim, aqui também, uma experiência como esta de vocês, deste assentamento, tem que ser e a cada dia virar mais um centro de formação de cultura, um centro de produção do saber, não apenas produção econômica (palmas) (FREIRE, 2001 p.25).

E concluiu sua fala:

É um apelo que eu vos faço, que este assentamento se fortaleça como produtor, como produtor de liberdade, como produtor de cultura, como produtor de democracia, como produtor de saber.

Estando na Capital gaúcha a convite da SMED, aceitou participar, como painalista, numa sessão solene de lançamento do Volume 2 dos “Textos Escolhidos” de Ernani Fiori, contendo seus escritos de educação e Política. Cabe lembrar que em 1987 havia participado em outro evento semelhante, de lançamento do Volume I: “Metafísica e História”.

Na UFRGS, esteve em várias oportunidades. Em 1994, recebeu o título de Doutor “Honoris Causa”. Em 18 de maio de 1995, manteve um encontro com mais de três mil estudantes, no salão de atos da UFRGS lotadíssimo. No dia seguinte foi para Lajeado, a convite do magistério estadual, municipal e das escolas particulares, num evento, como nos foi referido, de parar o trânsito. De várias vindas de Freire a estas plagas, temos algumas das memoráveis falas transcritas, podendo ser publicadas, mas que permanecem inéditas ainda. Sua última vinda a Porto Alegre foi a convite do MOVA, que realizou um Seminário extraordinário com as/os alfabetizadores/as e alfabetizados de todo o Rio Grande do Sul. A fala de Paulo Freire, na noite do encerramento, teve que ser interrompida pelo fragor da chuva





torrencial e do granizo, que transformaram o telhado do Ginásio Tesourinha numa bateria cósmica, para a música final daquele seminário. A presença de Freire, com a esposa Nita, mesmo impedido de finalizar sua fala, foi o número culminante daquele seminário.

#### 4. FÓRUM DE ESTUDOS: LEITURAS DE PAULO FREIRE – DIÁLOGOS, APRENDIZAGENS E REINVENÇÕES...

Tomando o exposto acima pode-se pensar na origem do que acontece a cada ano nas edições do nosso *Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire*, assim denominado. Temos enfrentado tarefas que o *Fórum* tem assumido e, delas, organizado aprendizagens, ante uma central opção metodológica: juntar fragmentos e descobertas, reflexões pessoais e escritos de autores diversos, com as diversas leituras de realidade que se apresentam em diálogo com Freire. Ante tal desafio, o *Fórum* passou ganhar sentido na vida de pessoas e Instituições. Instalado no Rio Grande do Sul em 1999, não buscou concorrer com qualquer outro Evento, mas pretendia reunir diversos pedacinhos, vários fragmentos de estudos freirianos e sua relação com a vida. As descobertas que nascem com a experiência que realizamos a cada ano no *Fórum* repercutem diretamente na própria estrutura e organização do *encontro* e nas das Instituições envolvidas e, muito particularmente, em cada pessoa que dele participa. Aprendemos a reconhecer o *Fórum* como um lugar de encontro e de produção de conhecimento.

Desde sua criação em 1999, na UNISINOS, até sua XIII edição, na UNIJUÍ/Santa Rosa/RS, em 2011<sup>1</sup>, o Fórum foi assumindo e consolidando características um tanto distintas em relação aos tradicionais eventos acadêmicos. O aperfeiçoamento da articulação entre teoria e prática e a permanente busca da coerência entre os princípios freirianos e a própria organização do evento foi gerando um percurso de fecundas aprendizagens e vivificadores diálogos. Da UNISINOS, em 1999, o que poderia ter sido tão-somente um *encontro* para reunir pessoas que buscavam manter viva a obra de Paulo Freire, a intensidade do diálogo mobilizou os presentes à organização do II Fórum, realizado na UFSM, em Santa Maria, em 2000, ano este em que se passou a gerar a idéia do Dicionário Paulo Freire, hoje na 2ª edição, organizado pelos professores Danilo Streck, Euclides Redin e Jaime Zitkoski (Editora Autêntica). O lançamento da 1ª edição do Dicionário foi um dos momentos importantes na





realização da X Edição do Fórum, realizada novamente na UNISINOS, em São Leopoldo, no ano de 2008.

E assim vão acontecendo as edições do Fórum: a III edição aconteceu na cidade de Canoas (UNILASALLE, 2001); o IV Fórum em Pelotas (UFPel, 2002); o V em Santa Cruz (UNISC, 2003); o VI em Alegrete (UERGS, 2004); o VII em São Leopoldo (EST, 2005); o VIII em passo Fundo (UPF, 2006); o IX em Rio Grande (FURG, 2007), em 2007. As últimas edições do Fórum - X, em São Leopoldo (UNISINOS, 2008); XI em Porto Alegre (UFRGS, 2009); XII, ainda em Porto Alegre (PUCRS, 2010); e a XIII edição em Santa Rosa (na UNIJUÍ/2011), têm consolidado princípios fundamentais que têm marcado o *Fórum*: a circulação. Em apenas uma ocasião repetimos o local, foi o caso da X edição na UNISINOS, porque buscávamos celebrar os 10 anos de Fórum. As demais edições, todas, circularam por diferentes municípios e Instituições do RS. A experiência do aprofundamento conceitual a partir da reflexão sobre a prática, com o acento nos pequenos grupos de discussão e a plenária final como um espaço de encaminhamentos e de reflexão conceitual. Estudiosos de Paulo Freire têm sido convidados para estar com os grupos e para qualificar as discussões. Não mais!

Portanto, terá a própria criação do *Fórum*, hoje tão consolidado, relação com a primeira metade da década de 60, quando, em nível nacional, configurava-se a criação da Campanha Nacional de Alfabetização e a criação, como em Porto Alegre, dos Círculos de Cultura? Que Freire fomos acolhendo, desde os anos 60, aqui por este Rio Grande? Pensamos que este *elo* com a história pode nos ajudar a compreender o que por aqui continuamos fazendo *com* Freire.

No emblemático quadro de estudos apontados como referências para o nosso tempo, por que Freire continua sendo fonte *grande* para muitos dos nossos trabalhos e por que a organização de *Fóruns* como o que acontece aqui no Rio Grande do Sul há 13 anos? O *Fórum* foi nos reunindo porque um grupo de pessoas do estado se reconhece e se encontra, desde o final da década de 90, pesquisando, refletindo e (re) significando suas indignações e indagações bastante apoiado em Freire. Temos reconhecido que Freire *é um intelectual* que dá consistência à pedagogia e fomenta práticas coletivas que possibilitam sustentar a idéia de que a educação pode servir à transformação; Freire, dialogando com McLaren, tem sido nosso



companheiro porque é capaz de ajudar teóricos críticos americanos, por exemplo, a reconhecer que a atividade pedagógica dominante, normalmente presente em escolas “democráticas, estava firmemente acorrentada a uma ordem social liberal-capitalista que reproduz a desigualdade a nível ideológico, através do contrato lockeano, (...) sob a bandeira da agência autônoma e da livre competição no mercado capitalista” (MCLAREN, 1999, p.28). Freire, porque elabora e teoriza a prática, não reduzida à experiência imediata, e desconstrói axiomas, combatendo absolutismos dogmático-autoritários e relativismos licenciosos; Freire porque luta para que seu pensamento seja recriado, não incentivando a formação discípulos ou seguidores, mas recriadores curiosos de suas próprias curiosidades.

Pelos caminhos do *Fórum* no RS temos concordado com Torres quando afirma que “... é possível concluir que há boas razões pelas quais, na pedagogia da atualidade, podemos ficar com Freire ou contra Freire, mas não sem Freire”. A aposta de Torres é que os estudos sobre processos educacionais em Freire partam de uma “... dupla perspectiva: usando a lente da classe hegemônica - reprodução de relações sociais de produção - e usando a lente das classes subordinadas - educação como forma de construir uma nova hegemonia.” Para Torres, a importância da educação está na reconstrução “da cultura do oprimido, particularmente através da noção de elaboração sistemática do conhecimento popular (...) como instrumento de luta da contra-hegemonia (...)”. Torres conclui afirmando que “a noção de Freire de uma relação dialética entre a liderança revolucionária e as massas tem um terreno rico nas práticas educacionais, (...) para desenvolver a liderança de trabalhadores (...)”. (Apud MCLAREN, 1998, p. 97).

Retornamos a Freire porque é um pensador que, tomando as vertentes teórico-filosóficas da dialética e da fenomenologia, busca superar o relacionamento oposto entre teoria e prática, desafiando e propondo a desdogmatização, também do estatuto de verdade da pedagogia crítica. Freire tem sido principal no *Fórum* porque, enquanto pensador do seu tempo, disponibiliza fundamentos para pensar a escola em contexto, não por certezas absolutas, atestado de falência da capacidade humana nos humanos, nem índice de rigor teórico e conceitual, mas içamento de ideias para referenciar práticas humanas, mantendo, como centralidade, a desafiadora possibilidade da dúvida como princípio epistemológico e político. É por isso que Freire *faz pensar*, colocando à disposição do mundo contemporâneo





possibilidades de confrontos teórico-práticos referentes à totalidade das relações, o que torna fundamental a problematização de verdades absolutas.

Reunimo-nos anualmente no *Fórum* em torno e a partir de Freire porque ele busca refundamentar a educação em sua base epistemológica, política e ética, condição de possibilidade de exercício moral mínimo com vistas ao que é ontologicamente máximo na relação humana. É pensador e educador que põe em cena o sujeito da educação desde a condição histórica em que vive, tornando-se autor de suas relações em comunhão ou confronto com outros sujeitos, sempre em condições de sensibilidade à reciprocidade. É assim que Freire, contra erudições em torno da negação da possibilidade da conscientização, é um pensador que mexe com o mundo da escola e da educação no seu conjunto, porque é pessoa e educador que não reivindica gravação em placas de bronze de suas reflexões e ações; continua gravando no coração de muitas pessoas, mensagens de esperança e inconformismo permanente em relação à injustiça, iluminando caminhos sem precisar brilhar, ante intelectuais outros que *brilham* sem conseguir iluminar. Acolhendo novamente a companhia de McLaren, pelo *Fórum* caminhamos com Freire porque seu “vocabulário filosófico permite ao mundo (...) adquirir visibilidade (...)”, não reduzindo “o mundo a um texto. Em vez disso, estipula as condições de possibilidade de discursos diversos, concorrentes e conflituais” (MCLAREN, 1998, p.66.). E é dessa forma, entendemos, que se colocam perspectivas de formação ao exercício da cidadania crítica, com competências para realizar intervenções sociais autônomas e criativas, a partir do que a liberdade e a autonomia podem constituir-se.

Mas, também pelo *Fórum* temos aprendido que para negar rotulagem autoritária muitos simplesmente nos dizemos *freirianos*. É que Freire tem representado perspectivas de mais liberdade, possibilidades de instauração de processos de libertação pela educação, mais democracia etc. Mas o nosso reencontro com Freire, pelo *Fórum*, dá-se em função da busca de outra leitura: há um projeto político-pedagógico que se impõe e legitima-se desde a necessidade da avaliação ética e de juízo de valor possíveis dos projetos, hoje particularmente presentes na defesa, por exemplo, das diferenças ou das identidades. Mas há mais em Freire: ele fala da realidade que educadores enxergam com os olhos, escutam com os ouvidos e tocam com as mãos; fala da realidade que educadores experimentam, experienciam e sentem com o coração. Com ela, a realidade, Freire não nos deixa sossegados, tornando-se





companheiro, não arrogante, em sua problematização; Freire fala de novo conceito de autoridade, em condições de superação de autoritarismos e licenciosidades; de novo conceito de autonomia, que nega a concepção reivindicada pelos atuais modelos de produção e consumo, aproximando, sim, da produção crítica da cidadania; de novo conceito de liberdade, não abstrato ou formal; de novo conceito de metodologia de pesquisa, crítica e propositiva, que busca encontros com as metodologias alternativas e que supera o maniqueísmo entre paradigmas *quantitativos* e *qualitativos*.

São razões acima expostas que nos levam a Freire e a nos reunirmos em *Fóruns* para buscar energias e avançar, não apenas na análise do mundo da educação, com o que profissionalmente temos compromissos, mas para permanecer indignados e indignadas enquanto pessoas estiverem sofrendo, desgraçada, incompreensível e desnecessariamente. Tomamos de Freire a inspiração e a justificativa que o levaram a escrever *Pedagogia da Esperança*. A referência é o contexto de sem-vergonhice e desesperança que toma conta do Brasil:

sem poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a (...) luta para fazê-la melhor sem esperança (...). A esperança é necessidade ontológica (...) (FREIRE, 1994, p.10).

É o Freire que temos (re)encontrado a cada ano neste *Fórum* do RS, o que nos leva a explicitar a importância e a capacidade que o seu texto (a sua biobibliografia) tem de provocar resistências, mudanças e aprendizagens. Temos aprendido, também, um Freire que perde e é derrotado quando dele queremos estudos com objetividade bastante para extrair verdades permanentes ou regularidades conceituais, para *cientificamente* fundamentar políticas educacionais; um Freire que perde quando se faz de seu texto, leituras licenciosas, banalizadas, que se tornam senso comum; perde quando, dada a acolhida que tem no mundo da escola, desqualificamos a capacidade de compreensão e análise de professores, alegando que o *texto não é científico*. Não raro identificamos dificuldades para entender Freire como uma referência pedagógica e política, inspirador de homens e mulheres, educadoras e educadores que se disponibilizam a mudanças. Porém, o diálogo fecundo que acontece a cada ano, nos renova para a caminhada; fecundo porque aqui se reúnem pessoas das mais diversas origens e do Fórum participam através das mais diversas linguagens: falamos de sujeitos dos





Movimentos Sociais, da educação formal e não formal, da Universidade e da escola básica, de estudantes e de pesquisadores dentre outros grupos, todas e todos, com certeza, partícipes a fertilizar a estreita relação entre a prática e a teoria e entre a educação e a política, bem próximo do Freire apontava.

Nos diálogos que fomos construindo, fomos afirmando que o *texto* freiriano pode estar sendo demasiadamente absorvido pela *devoradora* porta do senso comum. Mas o que sempre selamos foi que é um *texto* que fala de questões do nosso tempo, aprendendo com o passado, apontando o futuro na forma de utopia. Para tanto, temos buscado entender Freire, lendo realidades, fazendo falar subjetividades, *conversando* com pessoas com as quais convivemos cotidianamente e lendo livros, artigos e autores diversos que tem Freire como referência para pensar o que pensam e o que fazem. Com tais leituras temos ido, a cada ano, para o Fórum, em 2012, em Frederico Westphalen/RS, realizaremos o XIV Fórum.

Por que Freire é fonte *grande* para nossos trabalhos e por que a organização de *Fóruns*? Temos reconhecido que Freire é *filósofo* que dá consistência à pedagogia e fomenta práticas coletivas que possibilitam sustentar a idéia de que a educação pode servir à transformação; Freire, dialogando com McLaren, tem sido nosso companheiro porque é capaz de ajudar teóricos críticos americanos, por exemplo, a reconhecer que a atividade pedagógica dominante, normalmente presente em escolas “democráticas, estava firmemente acorrentada a uma ordem social liberal-capitalista que reproduz a desigualdade a nível ideológico, através do contrato lockeano, (...) sob a bandeira da agência autônoma e da livre competição no mercado capitalista” (MCLAREN, 1999, p.28). Freire, porque constrói e teoriza a prática, não reduzida à experiência imediata, e desconstrói axiomas filosófico-pedagógicos, combatendo absolutismos dogmático-autoritários e relativismos licenciosos, cujos preconceitos e dogmas são balizas permanentes à demarcação dos campos epistemológico e político; Freire porque luta para que seu pensamento seja recriado, não querendo discípulos ou seguidores, mas recriadores curiosos de suas próprias curiosidades.



## 5. PALAVRAS FINAIS

Não raro identificamos dificuldades para entender Freire como uma referência pedagógica e política, inspirador de homens e mulheres, educadoras e educadores que se disponibilizam a mudanças. Temos lido e acompanhado um Freire que aponta para as marchas como central marca política e pedagógica do tempo final de sua presença material entre nós. Os temas abordados por Freire nas *Cartas Pedagógicas* (FREIRE, 2000, p. 65) expressam a sua importância para a educação, o seu legado à sociedade no seu conjunto e as urgências do nosso tempo. A centralidade é a *indignação*: “*cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo (...) Disseram à polícia que estavam brincando*”. A indignação com a *brincadeira* de jovens, que já não sabem o que fazer com tanta liberdade que presumem ter, revela temas com os quais Freire se ocupa na fase final de sua vida. Para ele, a *indignação* é central para que se possa trabalhar com o acolhimento ao “... *outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida, não só humana, mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valorização dos sentimentos...*” (FREIRE, 2000, p. 66). Para a elaboração da indignação, aponta as *marchas* como diretriz pedagógica e política que ganha importância num tempo bastante tomado por incertezas e vazios. O caminho indicado é juntar descobertas, reflexões singulares e escritos de autores diversos, com as diversas leituras de realidade que se realiza. Ou seja, Freire aponta o caminho das *marchas* como “*ímpeto da vontade amorosa de mudar o mundo*”. E vai indicando as necessárias marchas “*dos que não têm escola*”, “*dos reprovados*”, “*dos que se recusam a uma obediência servil*”, “*dos que querem amar e não podem*”, “*dos que se rebelam*”, “*dos que querem ser e estão proibidos de ser*”. Por isso afirma: “*eu morreria feliz se visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas*”, tomando o MST como referência para tal *pedagogia*, pedagogia esta, aliás, propulsora de uma perspectiva de formação das pessoas contra “*uma vontade reacionária, histórica, implantada no Brasil*”. Eis nosso encontro com Freire e o encontro de Freire com o Rio Grande do Sul.



## REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino Antonio (Coord.); AGUIAR, Raimundo H. (Vice-Coord.). *Relatório de Pesquisa: O Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul: história, influências e desdobramentos*. Porto Alegre, 13 de agosto de 1992. (Datilografado com cópia ao CNPq).

ANDREOLA, Balduino Antonio. Cultura e educação popular nos anos sessenta no Rio Grande do Sul. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 39-48, jul./dez. 1988.

ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa participante*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BULLA, Leonia Capaverde. O contexto histórico da implantação do Serviço Social no Rio Grande do Sul. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 3-22, jan./jun. 2008.

CALDART, Roseli Salette & KOLLING, Edgar Jorge (orgs). *Paulo Freire: um educador do povo*. 2ª ed. Veranópolis, ITERRA, 2001.

FIORI, Ernani M. *Textos escolhidos. Volume 2: Educação e Política*. Porto Alegre, L&PM, 1992.

FREIRE, Paulo. *Posfácio: Depoimento de um grande amigo*. In: FIORI, Ernani M. *Textos escolhidos. Volume 2: Educação e Política*. Porto Alegre, L&PM, 1992, p. 273-287.

\_\_\_\_\_. “Ernani Fiori: um intelectual apaixonado”. Entrevista a Tomaz Tadeu da Silva. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 11-18, jan./jun. 1986.

\_\_\_\_\_. *Cartas a Cristina*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. Las iglesias en América Latina: su papel educativo. In: FREIRE, Paulo; ILLICH, Iván; FURTER, Pierre, MONTI, Emilio. *Educación para el cambio social*. Buenos Aires: Ediciones La Aurora, 1984, p. 119-154.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia del Oprimido*. Montevideo: Tierra Nueva. 1970.

\_\_\_\_\_. Fala de Paulo Freire aos Sem Terra. In: CALDART, Roseli Salette & KOLLING, Edgar Jorge (orgs). *Paulo Freire: um educador do povo*. 2ª ed. Veranópolis, ITERRA, 2001.





KURZ, Robert. O tédio mortal da modernidade. *Folha de São Paulo*. São Paulo, Mais!, 28/11/1999.

MCLAREN, Peter. *Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial*. Trad. Helena Beatriz Mascarenhas de Souza. Petrópolis: Vozes, 1999.

MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter; GADOTTI, Moacir (orgs.) Freire: Poder, *desejo e memórias de libertação*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

NORDAU, Max. *As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização*. SP: Edições e Publicações Brasil Editora S. A, 1960

OLIVEIRA, Neiva Afonso; GHIGGI, Gomercindo. Filosofia e Educação: caminhos que se cruzam a favor da transformação social – Homenagem a Cláudio Neutzling. *Cadernos de Educação*. Pelotas, v. 12, n. 21, jul./dez. 2003. Faculdade de Educação/UFPEl, p.171-194.

ROSAS, Paulo. Germinação do Pensamento de Paulo Freire. In GADOTTI, Moacir (Org.) *Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; IPF; UNESCO, 1996.

SADER, Emir. *Sem perder a ternura: pequeno livro de pensamentos de Che Guevara*. RJ: Record, 1999.

SOUZA, Luiz Alberto Gómes de, Ernani Fiori: um pensamento fértil na consciência latino-americana. *Síntese*, Porto Alegre, n. 34, p. 27-43, 1985.

TORRES, Carlos Alberto ET AL.. *Educação, Poder e Biografia Pessoal: diálogos com educadores críticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva; ANDREOLA, Balduino A. *Freire e Fiori no exílio: Um projeto pedagógico político no Chile*. Ed. Ritter dos Reis, 2001.

---

<sup>i</sup> Em 2012: na cidade de Erechim. E assim segue a história...